

A RAZÃO GULOSA: FILOSOFIA DO GOSTO*

The Greedy Reason: Philosophy of Taste

Ana Paula Nadalini**

ONFRAY, Michel. *La Raison Gourmande*: philosophie du goût. Paris: Éditions Grasset & Fasquelle, 2006.

Michel Onfray, autor de *A razão gulosa*, é um filósofo francês que segue a linha da filosofia hedonista, que preza a valorização dos sentidos e, ainda mais, os prazeres que são sentidos e os prazeres que dão sentido a uma época, a uma vida, a uma memória.

Onfray foi professor de Filosofia no Lycée Technique de Caen de 1983 a 2002, sendo este o ano em que criou a Universidade Popular de Filosofia, em Caen. Quatro anos mais tarde, foi um dos responsáveis pela criação da Universidade Popular do Gosto, em Argentan. O fundamento dessa instituição não é o ensino da gastronomia formando *chefs* de cozinha, mas sim a universidade “propose aux gens de toutes conditions d’apprendre à retrouver le goût des choses”¹.

N^o *A razão gulosa*, o autor disserta sobre vários temas, como sobre o Champagne, sobre os prazeres oferecidos por essa bebida, mas também sobre a sua fabricação e sobre o que os apreciadores dessa bebida devem a Dom Pérignon. Também sobre as trufas, o pensamento de Brillat-Savarin sobre elas, pois ele observou que o consumo de trufa otimizava os efeitos do álcool, especialmente em mulheres. Através disso, disserta sobre a importância e contribuições de Brillat-Savarin. Outro tema são as religiões e o uso de bebidas alcoólicas. Ainda sobre a importância de Carême para a história da Gastronomia.

* ONFRAY, Michel. *La Raison Gourmande*: philosophie du goût. Paris: Éditions Grasset & Fasquelle, 2006. Edição brasileira: ONFRAY, Michel. *A razão gulosa*: filosofia do gosto. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

** Professora do Curso de Gastronomia da PUC-PR e dos Cursos de Hotelaria do SENAC-PR. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFPR.

¹ “Propõe às pessoas de todas as condições aprender e encontrar o gosto das coisas”. Retirado do site <<http://pagesperso-orange.fr/up-argentan/qui-sommes-nous.html>>. Acesso em: 28/02/2010.

Nesta resenha, não caberia tratar de cada artigo em particular ou escolher um deles para servir de marca do livro. Porém, uma discussão mais geral perpassa por toda a obra. A dicotomia da razão gulosa, a discussão entre razão e emoção, entre reflexão e sentimento estão presentes neste livro, bem como em várias discussões sobre a História da Alimentação. Pois cada um que trata desse tema se pergunta: “Alimentação é dieta ou é prazer? São nutrientes ou são histórias? São receitas ou são memórias?”

Mais uma vez, descobre-se que a alimentação é um tema múltiplo, que faz fronteiras com várias áreas do conhecimento. E Michel Onfray faz a ponte entre a alimentação e a filosofia. Porém, mais que filosofia, o autor propõe uma reflexão que permeia os historiadores da alimentação, ou seja, a questão da memória gustativa.

No prólogo intitulado “Autobiografia alimentar, continuação e ainda”, Onfray descreve sua família, sua casa e sua infância. Lembra de seu pai, um homem silencioso, sério, quase duro. O autor relembra da figura de seu pai, um trabalhador da terra, assim:

O dia inteiro meu pai trabalhou sob o chuveiro denso, à força de teimosia. [...] Ao meio-dia ele voltou para almoçar, silencioso como de costume, entregando-se ao mais desesperador dos mutismos aos meus olhos de menino tagarela e atento aos menores sinais. Após um café fumegante, ele retomou o caminho do campo escavado para nele ainda revolver a terra durante a tarde inteira².

Descrevendo o jardim de seu pai, lembra de como ele, ainda criança, admirava a sua beleza, mas, sobretudo, como essa beleza ainda fornecia produtos mais saborosos, as flores mais cheirosas e viçosas da vizinhança. Porém, “batatas de cascas ásperas, cenouras de gosto açucarado, saladas de cores vivas que choravam leite nas raízes, vagens de arabescos barrocos...”³ não eram senão metade da lembrança. Pois, segundo o autor,

[...] se meu pai era o silêncio e a terra; minha mãe, o verbo e a cozinha. Ela descascava, lavava, enxaguava, limpava, mexia,

2 ONFRAY, Michel. *A razão gulosa: filosofia do gosto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 12.

3 *Op. cit.*, p. 13.

escolhia. Assava, grelhava, cozinhava. Com o pequeno orçamento que dispunha, preparava com frequência omeletes, às vezes, no início do mês, carne e peixe: assados que estalavam no forno; aos domingos, frangos com peles crocantes, fatias de vitela com toicinho e queijo, cozidos, bacalhau com creme, língua com molho picante, presunto ao molho madeira, diplomatas de frutas, charlotes de chocolate⁴.

Após o relato sobre suas memórias de infância, o autor conta ao leitor como se afastou da casa onde morava, dos pratos que comia, da vida que levava e das memórias. Tornou-se um apreciador da cozinha sofisticada, de rótulos de vinhos e champagnes. E quando lhe foi feita a pergunta “Qual é a sua melhor lembrança gastronômica?”, dentre dezenas de respostas curtas que ele poderia dar, como o nome de um prato célebre ou um rótulo de champagne reconhecido em todo mundo, o autor prefere uma resposta proustiana:

A ideia me veio como um raio, fulgurante, do lugar onde ela estava: nos limbos, na memória da criança que fui. Minha melhor lembrança gastronômica era um morango no jardim de meu pai. O dia fora quente, num verão. Os morangos estavam saturados desse calor que queima os frutos até o centro, onde são mornos. As folhas não bastam para fazer uma sombra que os proteja suficientemente. Arranquei um deles. Meu pai convidou-me a passá-lo na água, segundo sua expressão, para limpá-lo e refrescá-lo. O filete que descia da torneira estava gelado – vinha das fontes que dormiam sob os jardins. Quando pus o morango na boca, ele estava fresco na superfície e quente na alma, pele doce quase fria, polpa temperada. Esmagada sob o meu palato, ele se fez líquido que inundou minha língua, minhas faces, e depois desceu para o fundo da minha garganta. Fechei os olhos. Meu pai estava ali, ao meu lado, trabalhando a terra, curvado sobre canteiros da horta. Pelo espaço de um momento – uma eternidade – eu fui esse morango, um puro e simples sabor espalhado no universo e contido na minha carne de criança. A felicidade me roçara com sua asa antes de ir embora⁵.

4 *Op. cit.*, p. 13.

5 ONFRAY, Michel. *A razão gulosa: filosofia do gosto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p.

Esse extrato pode levar a mil novos pensamentos e hipóteses. Algumas, exponho aqui. A lembrança gastronômica, o que se chamou anteriormente de memória gustativa, está intimamente ligada às circunstâncias em torno do alimento. Nota-se, que, para o autor, não era apenas um morango, mas o morango da terra em que seu pai trabalhava, o morango que seu pai lhe convidou a comer. O morango que trazia toda a infância, a formação do seu gosto alimentar.

E a pergunta “somos o que comemos, ou comemos o que somos?” mais uma vez vem à tona. No momento do consumo, morango e criança se transformaram. O elemento se transformou em alimento através do prazer do menino. O alimento se tornou parte da cultura.

Recebido em agosto de 2010.

Aprovado em agosto de 2010.